

CONCLUSÕES

OS PRIMEIROS ANOS CONTAM!

Este foi um evento que resulta do compromisso e interação de uma coligação integrada por 25/26 entidades (representando milhares de organizações em Portugal) no quadro de uma campanha - **PRIMEIROS ANOS. A NOSSA PRIORIDADE.**

A Visão orientadora da campanha é a de influenciar políticas e investimentos, de modo a todas as famílias terem o suporte que precisam para proporcionar um ambiente saudável, seguro, estimulante e protetor do potencial de todas as crianças pequenas.

Neste dia ouvimos, pois, falar de:

- Ética do Cuidado;
- Paradigmas: dos Direitos Humanos, da Complexidade, da Transdisciplinaridade e da Intervenção em Tempo Útil;
- Fenomenologia da Transição - “Eu sou, eu quero, eu posso”, a propósito de um bebé que, dando os primeiros passos, procura (a longo prazo) a sua autonomia, num contexto que ilustra e considera a transgeracionalidade;
- Modelos internos dinâmicos, ressonâncias mútuas e neurónios espelho.

Ouvimos afirmar que o bebé é sujeito autónomo de direitos e que, afinal, é curioso e competente. Que é precoce, dependendo em muito a sua qualidade humana do modo como encaramos esta etapa da vida, e da sua qualidade humana, a qualidade do nosso desenvolvimento.

Ouvimos que a intervenção precoce na infância se associa a diferentes tipos de apoio parental, envolvendo tempo, energias, conhecimentos e capacidades.

Ouvimos dizer que não contam só as experiências após o nascimento e que, por isso, são tão importantes o período da gestação, as condições e cuidados nesse período e os programas de preparação para a parentalidade.

BIG MEETING

Os Primeiros Anos Contam! *e agora?*

primeiros anos
a nossa prioridade

Ouvimos dizer que a neuroplasticidade é máxima aos dois anos de vida e que, portanto, este período configura uma janela de oportunidade única.

Ouvimos ainda dizer que a epigenética nos tem revelado que os cuidados maternos e a qualidade das relações cruciais nos primeiros meses e anos de vida permitem “mexer” na forma como os genes se expressam.

E que da maior ou menor qualidade destas relações resultam a boa e a má vinculação e que:

- Os problemas de comportamento e de aprendizagem em regra se associam a vínculos menos seguros:
- A psicopatologia complexa tem raízes nas idades precoces.

Ouvimos ainda dizer que:

- Quanto mais desigual for um país, pior é o bem-estar das crianças;
- A saúde ao longo da vida é afetada, positiva e negativamente, pelos acontecimentos vividos na infância (por exemplo: a dor aparece associada muitas vezes a acontecimentos adversos da vida vividos neste período; constata-se índices de inflamação em adultos sujeitos a ambientes de violência na infância);
- As nossas crianças estão no centro da fragilidade social (registando-se em Portugal níveis de pobreza sempre superiores aos dos adultos, atingindo aqueles expressão máxima no contexto das famílias monoparentais e nas famílias com três ou mais filhos);
- De estudos e análises de custo-benefício efetuados sobre programas de intervenção na infância se têm constatado sempre impactos favoráveis e retornos sociais do investimento positivos (em média situados na ordem dos 7%-10% e com efeitos na escolaridade, saúde, empregabilidade, contenção do crime e redução de apoios sociais e hospitalizações).

Ouvimos falar do Projeto Geração 21 e do Projeto Adélia...O segundo centrado na Promoção da Parentalidade Positiva, o primeiro monitorizando uma geração de crianças nascida em 2005-2006 ao longo das suas vidas.

Mas também ouvimos dizer que Portugal tem um nível de despesa de saúde suportada diretamente pelas famílias de cerca de 30%, sendo este um dos mais elevados a nível europeu...

Ouvimos também dizer que:

- Uma criança pode esperar por uma consulta de especialidade (no SNS necessariamente hospitalar) largos meses ou até 2 anos (esgotando-se nessa espera a janela de oportunidade de intervenção...)
- A vinculação segura promove o desenvolvimento de competências sociais nomeadamente da regulação emocional...

Mas também que somos o país europeu com um nível mais alto e inaceitável de bebés institucionalizados e que, apesar de já termos uma lei adequada à resolução do problema e um projeto de promoção do acolhimento familiar favorável, a nossa meta por ano é a de promovermos apenas 25 acolhimentos familiares...e que o tempo médio de acolhimento residencial das crianças tem sido, nos últimos anos, de 3-4 anos! Ainda hoje tivemos oportunidade de ver imagens imagiológicas do impacto, no cérebro das crianças, da vivência dos dois primeiros anos de vida em acolhimento institucional e não gostámos do que vimos.

Ouvimos também que:

- Criar uma criança é uma Arte;
- Brincar é fundamental para o desenvolvimento das crianças, mas também uma oportunidade de reflexão, de relação e de desenvolvimento, para os pais e os profissionais;
- É importante estimular o movimento, a autonomia, a ligação com a natureza, deixar correr riscos...
- E que o brincar é indissociável do educar e este do cuidar;
- A relação da criança com os pares e com os profissionais permitem à criança a promoção da autoestima e outras vinculações...
- O SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância) foi uma semente deitada à terra que frutificou, mas que é necessário o seu reforço e valorização para que chegue a todas as crianças que dele necessitem.

BIG MEETING

Os Primeiros Anos Contam! *e agora?*

primeiros anos
a nossa prioridade

A enfermagem comunitária, o papel dos educadores e a existência da CNPDPCJ e das CPCJs (sistema de promoção dos direitos e de proteção das crianças) são bons testemunhos históricos do investimento que Portugal tem feito desde 1911 em prol da Criança, mas, até à presente data a Lei de Bases do Sistema Educativo não reconhece em Portugal o período 0-3 anos como um período de intervenção educativa...

A presente síntese é necessariamente incompleta e imperfeita face às inúmeras evidências científicas e aos múltiplos dados e reflexões hoje partilhados ao longo do dia por; médicos, magistrados, economistas, psicólogos, especialistas em política social, enfermeiros, educadores, professores catedráticos e investigadores, formadores, representantes das Direções Gerais da Saúde e da Educação, altos responsáveis por instituições públicas e não governamentais. No entanto, desta sessão emana um forte consenso: de que é muito mais o que se sabe hoje sobre a importância dos primeiros anos de vida e, como tal, urge dar passos que colmatem lacunas e reestabeçam as prioridades, na busca de uma sociedade mais saudável e sustentável e de pessoas mais felizes.

E AGORA?

Qual a utopia motivadora que queremos construir?

Na busca dela glosámos repetidamente os temas:

- Promover uma Cultura de Prevenção;
- Proporcionar redes de segurança às famílias;
- Agir desde a conceção.

Todos pugnamos por **Dar a cada criança um bom início de vida** e, para tal, queremos ousar à semelhança do que outros países já o fazem (por exemplo a Irlanda), a uma Política Global e Integrada para os 0-5/6 anos.

Mas queremos também não ignorar tudo o que de bom já tem sido feito para evoluirmos mais depressa. Queremos avaliar projetos e impactos e sabemos ser prioritário conhecer a realidade dos 0-3 anos para qual nos falta informação

em quase todos os indicadores. Fica na mesa inclusive a proposta (ou o reconhecimento da necessidade) do INE poder promover inquéritos específicos a propósito, tendo em vista a maior fidedignidade da informação.

Sabemos ser urgente:

- Que as crianças sejam consideradas primeira prioridade na Estratégia Nacional de Combate à Pobreza e à Exclusão;
- Desinstitucionalizar as crianças, prioritariamente as entre os 0 e os 3 anos, acelerando o passo do Acolhimento Familiar;
- Investir na Estratégia Nacional dos Direitos das Crianças e em políticas territorializadas, não esquecendo a diversidade...
- Garantir o acesso à educação, à saúde, à nutrição, à habitação a todas as crianças, designadamente ao nível da oferta educativa acessível e de qualidade em todo o período 0-6 anos e à criação de uma via verde de acesso à saúde: rastreios, cuidados especializados, terapias necessárias;
- Promover políticas laborais que favoreçam a conciliação entre a vida pessoal e familiar que permitam opções e a dedicação dos meios e tempos de qualidade, tão necessários ao estabelecimento dos desejáveis vínculos seguros;
- Promover programas de vigilância materna e de preparação e apoio à parentalidade.

Reconhecendo que as famílias, sobretudo de se em vulnerabilidade, são hoje objeto de múltiplas intervenções com múltiplos interlocutores...admitimos a necessidade de um Gestor Social da Criança e da Família (como figura pivot).

Pretendemos ter uma sociedade marcada por Escolas, Famílias e Cidades Ativas. Pretendemos ter empresas que assumam, no quadro da sua responsabilidade social e nas suas estratégias de sustentabilidade, também o investimento estratégico nos primeiros anos de vida, sendo, designadamente Amigas da Família.

Pretendemos políticas setoriais articuladas no quadro deste desígnio maior e integrado de eleger, na nossa Visão de Longo Prazo, o estrato etário 0-6 anos como o mais prioritário.

BIG MEETING

Os Primeiros Anos Contam! *e agora?*

primeiros anos
a nossa prioridade

E relevamos o papel maior que, para além do estado, as organizações da sociedade civil possam e devam desempenhar, nomeadamente na materialização dos direitos de acesso à educação, à saúde (via verde), à preparação para a parentalidade, ao desenvolvimento de uma sociedade em que o diálogo e a co-criação substituem formas mais autoritárias ou lineares de atuação.

Em suma, ousemos ser em conjunto (não esquecendo as tias-avós a que se referiu hoje na abertura o Prof. Gomes Pedro) uma sociedade que se mobiliza e articula, em políticas globais e programas inovadores e especiais, de modo a que nenhuma criança fique para trás no início da sua vida...

E, recuperando também citações da abertura do Juiz Armando Leandro, possamos dizer:

“não tiveram vazios de existência”, porque no esforço conjunto, deliberado e empenhado, conseguimos preenchê-los e enchê-los, de vida e de esperança...

Paula Nanita

Fundação Nossa Senhora do Bom Sucesso

2021-09-17